



FUNABI

Fundação João José Bigarella

AUTOBIOGRAFIA

Filho de José João Bigarella e de Ottilia Schaffer Bigarella, eu João José Bigarella nasci no dia 23.9.1923 na residência dos pais, na Rua Barão de Rio Branco nr. 444. Passei a maior parte da infância numa ampla casa com grande quintal, situada na rua Visconde de Guarapuava nr. 122 (depois 990 e 2478) nas proximidades da antiga estação ferroviária.

Num amplo espaço vazio situado no terreno de esquina (atualmente ocupado por um prédio da Secretaria de Saúde) em frente às propriedades da família Bigarella, na rua Barão do Rio Branco, eram montados circos que aí atuavam por períodos mais ou menos longos. Destacava-se o Circo Irmãos Queirolo (com o célebre palhaço "Chique-Chique") apresentando espetáculos noturnos e matinês nos domingos à tarde. Gostávamos de assistir às diversas apresentações dos trapezistas, incluindo aquelas com animais, entre outras tantas.

Ao lado dos folguedos e deveres da escola era obrigado a ajudar na horta, no pomar e no trato das aves. Isso certamente influenciou no desenvolvimento de um senso de disciplina para com as mais variadas tarefas. Meus pais sempre estimularam meus estudos proporcionando um ambiente cultural adequado, nunca deixando de adquirir os livros que solicitava, além de acompanharem a evolução dos estudos e muitas vezes complementando as explicações dos professores.

Nos passeios que frequentemente fazíamos em família aos arredores de Curitiba, aprendi a apreciar a paisagem e o modo de vida da área rural, o que talvez tenha estimulado meu interesse pela geografia, ainda no final da escola primária e no começo do ginásio.

Todos os invernos, desde 1931, íamos à Praia de Matinhos, onde desfrutávamos a natureza seja no mar ou em passeios no interior da planície litorânea ou junto à serra. A viagem para Matinhos fazia-se em duas etapas. Primeiro de trem até Paranaguá e depois em caminhão ou "diligência" até Matinhos onde chegava-se entre 15 e 16 horas. Como menino adorava as excursões pelos arredores do balneário, penetrando na floresta e escalando os morros Escalvado e Caiobá. Ainda como menino acompanhava minha avó Maria Teresa Sordo Carlin Bigarella à festa do Rocio em Paranaguá. Lembro sempre da viagem com as imponentes paisagens da Serra do Mar que me influenciaram nas atividades excursionistas na juventude e nas preocupações ambientalistas posteriores.

Meus estudos primários foram iniciados em 1930 no Colégio Divina Providência e continuaram em 1933 no Instituto Santa Maria dos Irmãos Maristas. O ginásio de 1935 a 1939 foi cursado no mesmo Instituto. Na escola primária e no ginásio fiquei cada vez mais atraído pelas ciências, graças a atuação educadora de alguns professores, principalmente dos irmãos Ivo e Lúcio, que tiveram influência decisiva na minha carreira profissional. As instalações do

gabinete de física, do laboratório de química e do museu de história natural, ao lado da dedicação dos mestres, despertaram em mim o grande interesse pela ciência e pela pesquisa.

Sempre apreciei a leitura, lia muito e gostava de livros de aventuras, viagens e biografia de grandes cientistas. Quando menino, li todos os livros de Karl May que descreviam aventuras em paisagens as mais distantes e diversas. Gostava das descrições geográficas, principalmente daquelas relativas às diversas regiões do Brasil. Igualmente não perdia um filme sobre aventuras na África. Os filmes sobre Stanley e Livingstone, entre outros, me diziam que um dia iria fazer algo na exploração de regiões pouco conhecidas. O sonho de visitar a África manteve-se vivo por cerca de três décadas, até que em 1969 tomou-se realidade e me permitiu trabalhar na África. Minha tendência natural foi a de abraçar desde o início uma carreira de naturalista ou de geocientista. Gostava daquilo que hoje se chama "ecologia", isto é a relação entre os seres vivos e o ambiente. Na época esse assunto não tinha maior importância. Entretanto, meu interesse pelo problema manteve-se latente.

No final do ginásio, no pré-engenharia e no Instituto de Química do Paraná participei de um grupo de excursionistas, do qual fazia parte o escultor José Peon, o fotógrafo Armin Henckel e sua esposa, meu colega de escola Ayrton L. Holzmann, o Prof. Waldomiro Teixeira de Freitas, entre outros. Quase todos os domingos íamos à Serra do Mar, ao litoral ou eventualmente às gratas calcárias localizadas ao norte de Curitiba.

As circunstâncias levaram-me a decidir pelo estudo da química devido às maiores facilidades e oportunidades de orientação. Entretanto, logo percebi que apesar da boa vontade de alguns mestres, o ambiente para desenvolvimento de pesquisas era ainda muito precário e as possibilidades remotas. Em 1940 e 1941 cursei o pré-engenharia no Ginásio Paranaense e ainda em 1941 ingressei na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras do Paraná para fazer o curso de Ciências Químicas concluído em dezembro de 1943. Em 1942 prestei vestibular para ingressar no curso de Química Industrial do Instituto de Química do Paraná, o qual concluí em 1945. Em 1949 fiz o curso de Didática na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras do Paraná e em 1953 complementei o curso de Química Industrial com várias disciplinas para obter o grau de engenheiro químico pela Universidade Federal do Paraná.

Apesar de minha formação universitária ter sido no ramo da química, passei desde o início a trabalhar nas áreas de mineralogia e geologia, pesquisando matéria prima para as indústrias de cimento e de cerâmica. Como pesquisador, meu interesse primordial sempre foi o lado acadêmico da pesquisa, sem qualquer imediatismo pragmático. Sabia, entretanto, que tudo o que fizesse em geologia, mais cedo ou mais tarde, teria aplicação prática, seja para fins de geologia aplicada à engenharia ou para a prospecção de bens minerais no âmbito da geologia econômica. Não sabíamos no início, o quanto as pesquisas seriam úteis à solução de problemas ambientais no sentido de melhorar as condições socioeconômicas das comunidades, principalmente do homem do campo.

Outra faceta de nosso trabalho foi a de ser professor, tarefa nobre em si, mas extremamente difícil de realizar a contento. Nos trabalhos de campo me senti cada vez mais envolvido com a cartografia geológica, bem como preocupado em compreender e visualizar quais teriam sido as condições ambientais do passado. Quanto mais aprendia a respeito dos ambientes antigos, mais começava a me preocupar com o meio ambiente atual.

Com essa sensibilidade ambiental extraída dos eventos do passado da história da terra e com os trabalhos realizados na América do Sul, África, Índia, Sudeste Asiático, Austrália e Oceania, passei a lutar cada vez mais intensamente pela conservação da natureza e pelo uso

responsável do meio ambiente. Pela realização desses trabalhos fomos agraciados com o Prêmio Heleno Fragoso pelos Direitos Humanos.

No final de junho de 1944 conheci minha esposa a quem muito devo, me estimulando, auxiliando e suportando as vicissitudes do meu trabalho de pesquisa com longas ausências no campo.

Em 1944 fui nomeado pelo Interventor Manoel Ribas auxiliar voluntário do Museu Paranaense, passando então a participar de suas atividades. Por indicação do Prof. Ludwig Johann Weber, no começo de agosto do mesmo ano iniciei um estágio na Divisão de Geologia e Mineralogia do Instituto de Biologia e Pesquisas Tecnológicas sob orientação do Dr. Reinhard Maack. Em 2.1.1945 fui contratado como laboratorista para trabalhar na referida divisão. Em 1946 estagiei nos setores de Mineralogia, Petrografia, Geologia e Paleontologia da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, na Alameda Glete em São Paulo, onde as influências dos Profs. Kenneth E. Caster e Felix Rawitscher foram muito importantes no desenvolvimento de minha carreira de pesquisador.

Durante os primeiros anos de atividade no IBPT realizei várias viagens de estudo no litoral do Paraná, inicialmente para o Dr. Maack que por motivo da guerra não podia deslocar-se ao litoral a fim de concluir o mapa geológico do Paraná no hall de entrada do IBPT. Na mais longa delas fui acompanhado pelo meu colega de escola Ayrton Holzmann, que me auxiliou na coleta de amostras e no levantamento geológico. Fomos de trem até Alexandra, onde conseguimos uma carroça para levar as tralhas de viagem e transportar as amostras de rochas. Seguimos por uma estrada carroçável bastante precária em direção ao Pto. Barreiro na Baía de Guaratuba. No primeiro dia pernoitamos na Colônia São Luiz na casa de um lavrador. Ele fez questão de nos ceder seus aposentos. Ao jantar ofereceu-nos um verdadeiro banquete. Ficamos muito sensibilizados com a hospitalidade.

Para as refeições durante a viagem havíamos levado várias broas pretas (tipo austríaco) e muitas latas de sardinha, cebolas e salame do tipo italiano. Era nosso café da manhã, almoço e às vezes também o jantar. Nos diversos locais onde fomos hospedados, acantonávamos na sala de visitas e dormíamos no chão dentro de um saco de dormir. Ainda não existia o colchão de espuma!

Ao chegarmos em Cambará, a ponte sobre o rio havia caído, não havia como passar a carroça para o outro lado. Fizemos a baldeação do material e continuamos em direção ao Porto Barreiro passando pelo célebre morro do Ai Jesus do antigo caminho das diligências de Paranaguá a Guaratuba.

Embarcamos nossos trens numa canoa grande e desembarcamos na Praia Mansa de Caiobá, ainda a tempo de assistir a um fandango no salão do Jacinto Mesquita em Matinhos.

Na falta ou inexistência de mapas topográficos, realizávamos nossos caminhamentos expeditos com bússola e passometro, aferindo muito bem nossos passos. Notável era a precisão que conseguíamos nos levantamentos ao compararmos os resultados com os mapas elaborados mais tarde pelos órgãos oficiais. Menos precisos foram os levantamentos expeditos dos rios devido às flutuações das correntes de marés. Porém a forma do conjunto era razoável. Paralelamente ao eixo da canoa instalávamos a bússola. As distâncias eram medidas em tempo e corrigidas de acordo com a correnteza.



João José Bigarella (*1923) e Iris Erica Koehler Bigarella (*1923).

Os equipamentos de que dispúnhamos eram precários, mas com persistência adaptando-se da melhor maneira às condições, era possível fazer alguma coisa. No levantamento da região de Matinhos utilizamos um velho teodolito existente no museu do convento dos clareteanos emprestado pelo Prof. Pe. Moure. Em 1953, com a cobertura aerofotogramétrica do Estado do Paraná, os levantamentos de campo melhoraram consideravelmente.

Muitos e muitos trabalhos de campo realizamos no lombo de mulas. A noite sonhávamos acordados com um veículo magnífico usado na guerra e que podia ir a qualquer lugar, o jeep, que poderia substituir as mulas no trabalho de campo.

A noite nas casas dos caboclos, ou nos paióis por eles cedidos, usávamos como colchão os baixeiros suados das mulas e cobríamo-nos com o poncho pesado que de dia nos protegia da chuva e do frio e à noite nos servia de cobertor. Ao suor dos mueres estávamos acostumados com os três anos de vida militar durante a guerra.

Em geral não havia "casinha" nas regiões onde trabalhávamos. As condições de higiene eram precárias e as sanitárias praticamente não existiam. De manhã ao levantarmos as galinhas e os porcos percebiam nossas intenções e seguiam-nos com persistência...

Mas foi nessas condições que passamos a sentir o Paraná. Eram as choças construídas de pau a pique e cobertas de sapé com moradores de cabelos louros e de olhos azuis, descalços e de aspecto doentio e subnutridos. No seu terreno, os sulcos da erosão e a perda do solo e ainda o cheiro das queimadas e os restos de cinzas e de carvão!

Esse quadro ficou gravado em nossa mente até o dia que passamos a compreender melhor o mecanismo da paisagem através dos tempos e as ações de causas e efeito.

Foi assim que nos perguntamos, o que teria acontecido a uma região outrora tão fértil, tão rica, celeiro do Paraná no final do século passado e no começo deste.

Surgiu então, ainda inconscientemente, a primeira preocupação pelo conservacionismo e pela preservação do ambiente em que vivemos. Foi assim que surgiu nosso interesse pela utilização e conservação dos recursos naturais.

No intuito de aprimorar o quadro técnico do IBPT, o seu diretor Prof. Dr. Marcos Augusto Enrietti, fazia questão de que todos estagiassem em outras instituições fora do Paraná. A mim coube um estágio muito proveitoso nos departamentos de Mineralogia e Petrografia e de Geologia e Paleontologia da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, onde tive grande participação nos trabalhos de campo, principalmente com o Prof. Kenneth E. Caster da Universidade de Cincinnati, que mais tarde me candidatava a uma bolsa da John Simon Guggenheim Memorial Foundation.

Em 1946, publicava meu primeiro trabalho científico sobre a planície litorânea do Estado do Paraná, nos Arquivos de Biologia e Tecnologia.

Entre 1947 e 1949 trabalhei na pesquisa de matéria prima para as indústrias de cimento e de cerâmica.

Em 1949, a convite do Prof. Fernando Correia de Azevedo, diretor do Departamento de cultura da Secretaria de Educação e Cultura, assumi como primeiro titular a chefia da Divisão do Patrimônio Histórico e Cultural do Paraná. O principal objetivo da minha ida à Divisão do Patrimônio era o de realizar o levantamento dos sambaquis do Paraná, na ocasião sofrendo intensa destruição pelo Departamento de Estradas de Rodagem, que utilizava os depósitos conchíferos para a pavimentação das estradas do litoral.

Toda a cultura pré-histórica do Paraná era simplesmente jogada na estrada, apesar dos protestos da comunidade científica liderada pelo Prof. José Loureiro Fernandes. Artefatos de pedra, alguns de excepcional beleza, como os zoólitos, machados de pedra, pontas de flexa de sílex e principalmente aquelas de osso eram perdidas para sempre. Graças a tenacidade de Guilherme Tiburtius, uma pequena parte desse material foi salvo e hoje faz parte do Museu do Sambaqui de Joinville.

Ao deixarmos a Divisão do Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural do Paraná retornamos ao IBPT.

Em fevereiro de 1948 participamos com o Dr. Vladomir Kosák, sua irmã e o Dr. Gofferjé (então estudante de medicina) de uma expedição do Museu Paranaense ao Rio Paraná. De Curitiba à Foz do Iguaçu (então uma pequena cidade) num avião da PANAIR sobrevoamos extensas regiões cobertas de florestas de araucária. De Foz seguimos para Guaira num pequeno avião do Correio Aéreo Nacional voando sobre a imponente floresta tropical do oeste do Paraná.

Em 1949 e entre 1953 a 1956 fui professor de Mineralogia e Petrografia na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da Universidade Federal do Paraná. Entre 1953 a 1960 lecionei a mesma disciplina na Faculdade Católica de Filosofia Ciências e Letras. De 1950 a outubro de 1951 lecionei Práticas de Química Orgânica na Escola de Química do Paraná. Nessa Escola, concorri à Cátedra de Mineralogia e Geologia Econômica com a tese "Contribuição ao estudo

dos calcários do Paraná". Aprovado, recebi o título de Professor Catedrático de Mineralogia e Geologia Econômica, bem como o título de Doutor em Ciências Físicas e Químicas.

Ao visitarmos e trabalharmos numa área de prospecção de urânio no Planalto do Colorado, vislumbramos a grande possibilidade da metodologia adotada nos Estados Unidos a fim de aplica-la à determinação dos paleoventos do paleodeserto do Botucatu na América do Sul - onde contamos com a preciosa colaboração do Prof. Riad Salamuni - bem como determinar os paleoventos dos paleodesertos Cave e Etjo, respectivamente na África do Sul e na Namíbia, onde tivemos a colaboração do Dr. O. van Eeden, diretor do Serviço Geológico da África do Sul.

A possibilidade de visitar a África do Sul e a Namíbia surgiu de um convite formal do Serviço Geológico através do seu diretor Dr. Van Eeden. No final de agosto de 1969 iniciei meus trabalhos no continente africano conhecendo as várias sequências gondwânicas do Transvaal, Província de Natal, Estado Livre de Orange, Província do Cabo, além de uma visita oficial à Namíbia. Os trabalhos realizados na África e a determinação das paleocorrentes em várias formações geológicas possibilitaram a preparação de minha conferência de abertura do II Simpósio Internacional do Gondwâna, em Johannesburg (1970). Os dados obtidos na primeira viagem à África foram importantes para estabelecer comparações entre os continentes africano e sul-americano, trazendo novas conceituações sobre a paleogeografia intercontinental. Retomei à África em janeiro de 1970, agora no Saara (Argélia) a convite dos Institutos Argeliano e Francês do Petróleo para com mais 12 pesquisadores participar de uma expedição à região central do Saara, no Tassili D' Ager e mais ao sul próximo à fronteira do Níger. Talvez essa tenha sido a minha mais fantástica viagem realizada através de um mundo árido e hostil, porém de fascinante beleza. Foram dias inesquecíveis!...

Na África do Sul convivi com o apartheid e com os sul-africanos preocupados com as regras estabelecidas a esse respeito. Lembro que um dia pela manhã ao sair com meu guia de uma mercearia na localidade de Ceres, onde fomos comprar lanche para levar ao campo, meu guia todo preocupado me falou: "que problema enfrentei agora". Perguntei o que havia acontecido, e ele disse: "não sei se deveria ou não cumprimentar a senhora que nos havia atendido". Perguntei: ora, por que? Ele respondeu que não tinha certeza de que a senhora fosse branca!...

Alguns dias mais tarde em Stelenbush entrei inadvertidamente numa igreja dos bantus, o culto parou, todos voltaram os olhares para mim. Sai imediatamente e me ocorreu, é claro: não seríamos todos Seríamos todos iguais perante Deus?...

Noutra ocasião, estava em frente à majestosa escarpa basáltica do Drakensberg no Transkei, com câmera fotográfica e nas imediações de um aldeamento zulu. De repente um grande alarido, saindo de diversas tabas, um grupo de nativos e nativas em trajes multicoloridos com bastões e lanças nos cercaram ameaçadores com gritos e palavras que não compreendíamos. Ficamos preocupados, apavorados até. Não falavam inglês. O guia teve então a ideia de oferecer-lhes moedas de rand. Foi válido. Tão logo me viram procurando dinheiro acalmaram-se e saíram festivamente de volta às tabas.

....

Mais em Fragmentos Étnicos, de João José Bigarella.